Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

AVES DO SABOÓ: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO ESTRATÉGIA CONTRA A INVISIBILIDADE DA FAUNA URBANA

BIRDS OF SABOÓ: ENVIRONMENTAL EDUCATION AS A STRATEGY TO COMBAT THE INVISIBILITY OF URBAN FAUNA

Henry Lourenço Gonçalves da Silva, Ramon Dantas Lopes, Raphaela dos Santos Gonçalves, Carolina Rodrigues Lincoln-de-Carvalho, Carolina de Souza Ferreira.

Universidade Santa Cecília, Faculdade de Educação, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.
E-mail para contato: 0ramonlopes@gmail.com; henrylourenco2026@gmail.com

RESUMO – A fauna urbana está presente no cotidiano das cidades, mas nem sempre é reconhecida pela população em sua diversidade e importância ecológica. Este artigo analisa uma experiência de Educação Ambiental desenvolvida com estudantes do 7º ano da UME Martins Fontes, localizada no bairro Saboó, em Santos/SP, tendo como tema as aves encontradas no entorno escolar. A proposta envolveu levantamento prévio das espécies, elaboração de material visual, pesquisa realizada pelos estudantes e apresentação de seminários em grupos. Foram selecionadas 44 espécies de aves como referência para o trabalho. Os registros das atividades indicaram diferentes níveis de participação entre as turmas, reconhecimento de espécies anteriormente denominadas genericamente como "passarinhos", interesse por aves comuns e estigmatizadas e dificuldades relacionadas à pesquisa, à apresentação oral e ao uso crítico de ferramentas de inteligência artificial. Também foram identificadas barreiras à participação de um estudante com deficiência. Conclui-se que atividades de Educação Ambiental contextualizadas com a biodiversidade presente no território podem ampliar a atenção dos estudantes à fauna cotidiana, favorecer pesquisa e comunicação científica e contribuir para problematizar percepções negativas sobre animais urbanos.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Fauna Urbana; Aves; Saboó; Biofobia; Ensino de Ciências.

ABSTRACT – Urban fauna is present in everyday city life but is not always recognized by the population in terms of its diversity and ecological importance.

ISSN 2317-1316

This article analyzes an Environmental Education experience developed with seventh-grade students at UME Martins Fontes, located in the Saboó neighborhood of Santos, São Paulo, Brazil, focusing on birds found around the school. The activity involved a preliminary survey of species, preparation of visual materials, student research, and group seminars. Forty-four bird species were selected as references for the project. Activity records indicated different levels of participation between classes, recognition of species previously referred to generically as "birds," interest in common and stigmatized species, and difficulties related to research, oral presentation, and the critical use of artificial intelligence tools. Barriers to the participation of a student with disabilities were also identified. It is concluded that Environmental Education activities contextualized with the biodiversity present in the local territory can increase students' attention to everyday wildlife, foster scientific research and communication, and contribute to questioning negative perceptions of urban animals.

Keywords: Environmental Education; Urban Fauna; Birds; Saboó; Biophobia; Science Teaching.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre sociedade e fauna é construída por experiências cotidianas, conhecimentos científicos, crenças culturais e representações difundidas socialmente. Em ambientes urbanos, determinadas espécies podem ser percebidas apenas como elementos comuns da paisagem ou, em outros casos, associadas a perigo, sujeira e incômodo. Essas percepções influenciam as formas pelas quais as pessoas reconhecem, valorizam ou rejeitam os animais presentes em seu próprio território (Fischer; Campos; Santos-Júnior, 2025).

Entre os conceitos que auxiliam a compreender essa relação encontra-se a biofobia, caracterizada por medo, aversão ou repulsa em relação a organismos e elementos da natureza. Jensen, Persson e Soga (2026) discutem que experiências negativas, informações socialmente transmitidas e diminuição do contato significativo com a biodiversidade podem contribuir para o desenvolvimento e a manutenção dessas respostas. Em contextos urbanos, portanto, a presença física de animais não garante necessariamente reconhecimento, interesse ou valorização da fauna (Jensen; Persson; Soga, 2026).

A chamada redução das experiências significativas com a natureza pode manifestar-se não apenas quando os animais estão ausentes, mas também quando espécies presentes

ISSN 2317-1316

diariamente deixam de ser percebidas em sua diversidade. Uma ave observada repetidamente pode ser denominada apenas como "passarinho", sem reconhecimento da espécie, de seus comportamentos ou de sua função ecológica. Esse processo contribui para uma espécie de invisibilidade da fauna cotidiana, na qual os animais estão fisicamente próximos, mas pouco incorporados ao conhecimento e à percepção ambiental da população (Jensen; Persson; Soga, 2026; Fischer; Campos; Santos-Júnior, 2025).

Essa questão apresenta particular importância no bairro Saboó, em Santos/SP, território marcado pela proximidade entre áreas urbanizadas e diferentes ambientes naturais. A região apresenta relações históricas com áreas de manguezal, morros, canais e outros ambientes que favorecem a presença de diferentes organismos. Trabalhos sobre o território santista demonstram, ainda, que sua configuração urbana está associada a desigualdades sociais e formas específicas de ocupação do espaço, aspecto relevante para compreender as relações construídas entre população, ambiente e biodiversidade local (Marteline; Gonzales; Frutuoso, 2019).

Entre os animais presentes nas cidades, as aves ocupam posição particularmente visível, embora muitas espécies permaneçam pouco conhecidas. Algumas também são alvo de crenças ou representações negativas. Corujas, por exemplo, aparecem historicamente associadas a diferentes símbolos e crenças no imaginário popular, enquanto aves consideradas pouco carismáticas podem despertar menor interesse por sua conservação. A Educação Ambiental pode contribuir para problematizar essas percepções e favorecer uma compreensão baseada em características biológicas e ecológicas dos animais (Santos et al., 2015; Bernarde, 2018).

No município de Santos, episódios envolvendo aves de rapina também têm recebido atenção da imprensa, demonstrando como conflitos entre fauna e população urbana podem produzir medo e interpretações negativas. Notícias sobre interações com gaviões evidenciam a importância de oferecer informações contextualizadas sobre comportamento animal e convivência com a fauna, evitando que episódios específicos sejam transformados em justificativas para hostilidade indiscriminada às espécies (Ribeiro, 2025; A Tribuna, 2025).

ISSN 2317-1316

Nesse contexto, a Educação Ambiental constitui uma possibilidade de aproximar conhecimento científico e realidade local. A Lei nº 9.795/1999 estabelece a Educação Ambiental como componente essencial e permanente da educação nacional, orientada à construção de conhecimentos, valores, habilidades e atitudes relacionados à conservação do meio ambiente. No ensino de Ciências, essa perspectiva permite trabalhar a biodiversidade a partir de organismos efetivamente observados pelos estudantes em seus trajetos e espaços cotidianos (Brasil, 1999).

A escolha das aves como tema da atividade também se relacionou às características da escola. A UME Martins Fontes apresenta áreas verdes e locais nos quais aves são frequentemente observadas, inclusive atraídas por frutos presentes nas cercas e por recursos disponibilizados no espaço escolar. Essa proximidade favoreceu a seleção de uma proposta que partisse da fauna já integrada ao cotidiano dos estudantes, em vez de trabalhar biodiversidade apenas a partir de animais distantes de sua realidade (Souza; Gonçalves; Soares, 2011).

O trabalho dialoga ainda com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 15, relacionado à conservação da vida terrestre e da biodiversidade. A Educação Ambiental escolar pode contribuir para essa finalidade ao ampliar o reconhecimento das espécies, problematizar estigmas e estimular interesse pela conservação, sem pressupor que uma atividade pontual seja suficiente para produzir mudanças permanentes de comportamento (ONU Brasil, s.d.; Brasil, 1999).

Diante desse cenário, o objetivo deste estudo é analisar uma experiência de Educação Ambiental sobre aves urbanas desenvolvida com estudantes do 7º ano da UME Martins Fontes, buscando compreender de que maneira a pesquisa, o reconhecimento das espécies e a apresentação de seminários podem contribuir para ampliar a percepção da fauna presente no bairro Saboó. Também são discutidos aspectos relacionados à participação dos estudantes, organização do espaço, uso de inteligência artificial e barreiras identificadas durante a realização da atividade (Brasil, 1999; Jensen; Persson; Soga, 2026).

ISSN 2317-1316

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa e caráter descritivo-reflexivo, desenvolvido com estudantes das turmas de 7º A e 7º B da UME Martins Fontes, localizada no bairro Saboó, em Santos/SP.

A preparação do projeto teve início em 2025, com levantamento de informações sobre aves presentes na região. Foram consultadas plataformas de observação da biodiversidade, especialmente WikiAves e iNaturalist, e também considerados registros realizados pelos próprios autores durante o período de atuação na escola.

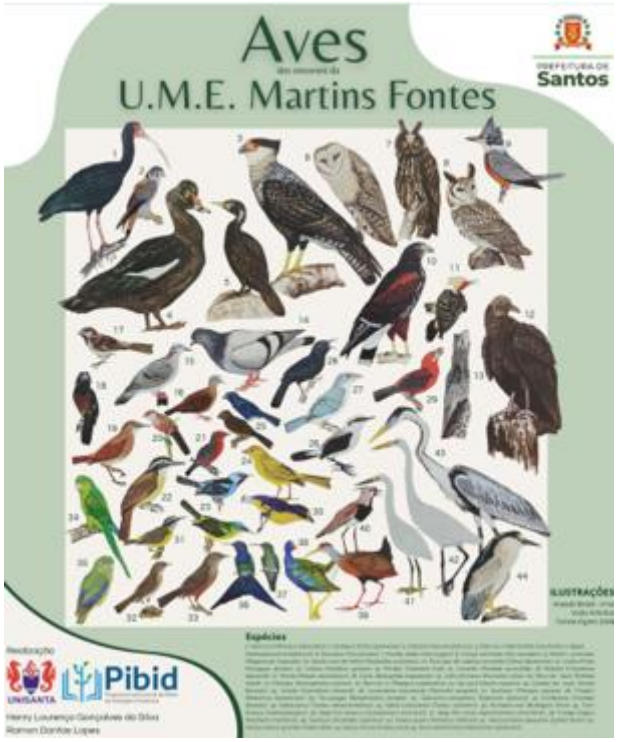
A partir desse levantamento, foram selecionadas 44 espécies como referência para a elaboração de um banner destinado às atividades em sala. As ilustrações utilizadas tiveram como referência a obra Aves do Brasil: uma visão artística, de Tomas Sigrist, com indicação da autoria do material original.

A proposta foi apresentada aos estudantes em 11 de setembro de 2025. Inicialmente, realizou-se uma apresentação sobre as aves que poderiam ser encontradas no entorno da escola e no bairro. O banner com as espécies selecionadas foi utilizado como apoio visual para reconhecimento e escolha dos animais.

Os estudantes foram organizados em grupos de três a cinco integrantes e cada grupo selecionou uma espécie. As pesquisas deveriam contemplar nome comum e científico, estado de conservação, habitat, alimentação e características do bico. Os estudantes receberam orientações sobre a estrutura esperada para a apresentação e puderam utilizar slides digitais ou cartazes.

ISSN 2317-1316

Figura 1: Banner elaborado com espécies de aves observadas ou registradas na região da UME Martins Fontes.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Sigrist (2006).

As apresentações ocorreram em 25 de setembro de 2025. Durante sua realização foram feitos registros de observação relacionados à participação, domínio das informações, interação entre integrantes, capacidade de reconhecimento das espécies e dificuldades encontradas no processo de pesquisa e comunicação oral.

As duas turmas apresentavam organizações espaciais distintas durante parte das atividades. Em uma delas, as carteiras foram dispostas em formato de “U”; na outra, permaneceu a disposição tradicional em fileiras. Essa diferença foi registrada como condição contextual da experiência, mas não foi tratada como variável experimental, razão pela qual não é possível atribuir eventuais diferenças de participação exclusivamente à organização das carteiras.

Por se tratar de relato de experiência, não foram utilizados instrumentos padronizados, escalas de percepção, pré-teste ou pós-teste. Consequentemente, os resultados descrevem

ISSN 2317-1316

comportamentos e situações observadas e não permitem afirmar mudança permanente de atitudes ambientais ou estabelecer relações causais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade revelou níveis distintos de participação entre as duas turmas, mostrando que uma mesma proposta pode produzir respostas diferentes conforme as características do grupo, as relações construídas em sala e as condições de organização da atividade. Essa variação reforça que práticas de Educação Ambiental precisam ser acompanhadas e ajustadas durante sua execução, não sendo possível pressupor participação homogênea apenas pela escolha de um tema relacionado ao cotidiano dos estudantes (Brasil, 1999; Souza; Gonçalves; Soares, 2011).

Na turma em que as carteiras foram organizadas em “U”, observou-se maior possibilidade de contato visual entre os estudantes, professores e colegas que realizavam as apresentações. Houve participação de diferentes grupos e situações de cooperação entre integrantes durante momentos de esquecimento ou insegurança na apresentação oral. Esses registros sugerem que a organização espacial pode interferir na dinâmica das interações, embora a experiência não permita concluir que o formato das carteiras tenha sido responsável pelas diferenças observadas entre as turmas (Brasil, 1999).

Figura 2: Organização da sala e apresentação dos seminários sobre aves urbanas.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

ISSN 2317-1316

Na outra turma, registraram-se maiores dificuldades de permanência atenta durante parte das apresentações e menor número de grupos que concluíram a proposta. Apesar disso, alguns estudantes demonstraram interesse expressivo durante a escolha das espécies e houve grupo que optou espontaneamente por pesquisar duas aves. A comparação entre as turmas precisa ser interpretada com cautela, pois diferenças de comportamento, composição dos grupos, relações interpessoais e envolvimento prévio também podem ter influenciado os resultados (Brasil, 1999; Souza; Gonçalves; Soares, 2011).

Um dos resultados mais relevantes esteve relacionado ao reconhecimento das espécies presentes no cotidiano escolar. Após a atividade sobre o sanhaço (Thraupis sayaca), foram registrados momentos em que estudantes passaram a utilizar o nome da ave ao observá-la no ambiente escolar, em vez de denominá-la genericamente como “passarinho”. Embora não permita afirmar transformação permanente da percepção ambiental, esse comportamento constitui indício de ampliação da atenção dirigida à fauna local (Jensen; Persson; Soga, 2026; Fischer; Campos; Santos-Júnior, 2025).

O banner também despertou interesse por espécies já observadas pelos estudantes no bairro. Algumas aves puderam ser reconhecidas visualmente e posteriormente associadas a seus nomes, como tapicurus e bicos-de-lacre. A identificação mais específica dos animais pode contribuir para reduzir a invisibilidade da fauna, pois transforma organismos anteriormente percebidos apenas como parte indiferenciada da paisagem em espécies dotadas de características próprias (Fischer; Campos; Santos-Júnior, 2025; Bernarde, 2018).

Outro aspecto importante foi a escolha de espécies frequentemente estigmatizadas, como pombos e urubus. Em alguns casos, a motivação inicial pode ter envolvido humor ou rejeição; contudo, a realização da pesquisa exigiu contato com informações sobre alimentação, comportamento, reprodução e características ecológicas desses animais. A Educação Ambiental pode aproveitar justamente essas percepções iniciais para problematizar preconceitos e ampliar a compreensão sobre espécies consideradas pouco carismáticas (Bernarde, 2018; Brasil, 1999).

A discussão sobre corujas e outras aves associadas a crenças populares também se mostrou pertinente ao tema. Representações relacionadas a mau agouro, perigo ou medo fazem

ISSN 2317-1316

parte de processos culturais e podem influenciar a forma como determinados animais são tratados. O conhecimento sobre características biológicas e comportamentais não elimina automaticamente essas crenças, mas oferece elementos para que sejam analisadas criticamente em situações educativas (Santos et al., 2015; Jensen; Persson; Soga, 2026).

As apresentações também evidenciaram dificuldades relacionadas à pesquisa e comunicação científica. Alguns estudantes demonstraram insegurança, leitura excessivamente dependente do material preparado e dificuldade para reorganizar oralmente as informações. Esses comportamentos mostram que solicitar um seminário não significa que os estudantes já dominem procedimentos de pesquisa e apresentação, sendo necessário ensinar progressivamente como selecionar fontes, organizar informações, construir uma exposição e comunicar conhecimentos (Brasil, 1999).

A utilização de inteligência artificial generativa surgiu espontaneamente em pelo menos duas produções. Em uma delas, observou-se que a apresentação havia sido produzida com forte dependência de uma ferramenta automatizada, apresentando informações pouco articuladas e imagens com distorções. O episódio indicou que o acesso à tecnologia não é suficiente para garantir uso academicamente responsável e reforçou a necessidade de orientar verificação das informações, autoria e revisão crítica dos conteúdos produzidos (Brasil, 1999).

Esse resultado não implica que ferramentas de inteligência artificial sejam incompatíveis com atividades escolares. O problema identificado esteve na utilização do recurso como substituição integral do processo de pesquisa e elaboração. Em atividades futuras, a própria ocorrência pode ser utilizada para desenvolver procedimentos de alfabetização digital, como comparação de fontes, conferência de nomes científicos, identificação de erros em imagens e explicação das decisões tomadas durante a produção do trabalho (Brasil, 1999).

A experiência também revelou uma barreira importante à inclusão. Um estudante com deficiência demonstrou interesse pelo banner e selecionou uma espécie para pesquisar, mas não foi efetivamente integrado a um dos grupos e não concluiu a produção para apresentação. O episódio mostra que oferecer formalmente a mesma tarefa não garante participação, pois

ISSN 2317-1316

determinados estudantes podem necessitar de mediação, organização colaborativa e apoios específicos para acessar todas as etapas da atividade (Brasil, 1999).

A situação também evidencia que atividades coletivas precisam ser planejadas de modo que nenhum estudante permaneça isolado durante a formação dos grupos. A participação inclusiva requer observar como os agrupamentos são constituídos, quais tarefas cada integrante poderá desempenhar e que tipo de apoio será necessário para pesquisa e apresentação. No caso observado, a ausência dessas condições limitou as possibilidades de participação do estudante, constituindo um aspecto a ser revisto em futuras aplicações da proposta (Brasil, 1999).

De maneira geral, os registros sugerem que a contextualização territorial foi um dos aspectos mais produtivos da experiência. Os estudantes não pesquisaram aves abstratamente escolhidas em livros didáticos, mas espécies relacionadas ao espaço em que vivem, circulam e estudam. Essa aproximação pode favorecer a construção de relações mais atentas com a biodiversidade cotidiana e responde ao princípio da Educação Ambiental de estabelecer vínculos entre conhecimentos, valores e realidade socioambiental (Brasil, 1999; Fischer; Campos; Santos-Júnior, 2025).

Os resultados, contudo, não permitem afirmar que a atividade tenha eliminado biofobia ou modificado de modo permanente atitudes em relação à fauna. O estudo não utilizou instrumentos destinados a medir essas dimensões antes e depois da intervenção. O que pode ser sustentado é que houve situações de reconhecimento mais específico das espécies, contato com informações sobre aves estigmatizadas e discussão sobre sua presença no ambiente urbano, elementos compatíveis com os objetivos de uma Educação Ambiental voltada à biodiversidade (Jensen; Persson; Soga, 2026; Bernarde, 2018).

Como continuidade, a experiência pode incorporar atividades de observação sistemática das aves no próprio espaço escolar, produção de registros fotográficos, listas de espécies, comparação sazonal e elaboração de materiais informativos para a comunidade. Essas estratégias poderiam ampliar a duração do contato dos estudantes com o tema e fornecer registros mais consistentes para analisar mudanças na percepção da fauna ao longo do tempo (WikiAves, s.d.; iNaturalist, s.d.).

ISSN 2317-1316

4 CONCLUSÃO

A experiência desenvolvida com estudantes do 7º ano da UME Martins Fontes mostrou possibilidades de utilização das aves urbanas como tema de Educação Ambiental articulado ao território do bairro Saboó. A proximidade das espécies com o cotidiano dos estudantes possibilitou desenvolver atividades de pesquisa, reconhecimento da biodiversidade e comunicação científica a partir de organismos efetivamente presentes no entorno escolar.

Os registros indicaram interesse por diferentes espécies e episódios nos quais aves anteriormente denominadas genericamente passaram a ser identificadas de maneira mais específica. Também foram criadas oportunidades para discutir espécies estigmatizadas e para relacionar características biológicas e ecológicas a percepções construídas socialmente.

A atividade também revelou dificuldades importantes. A participação não ocorreu de maneira homogênea nas duas turmas, e foram observadas limitações relacionadas à pesquisa, à apresentação oral e ao uso pouco crítico de ferramentas de inteligência artificial. Esses aspectos demonstram que atividades investigativas precisam ser acompanhadas de orientação explícita sobre pesquisa, seleção de fontes, autoria e comunicação científica.

As diferenças observadas entre as organizações espaciais das turmas constituem um dado interessante para futuras experiências, mas não permitem concluir que a disposição das carteiras tenha causado diferenças de participação. Estudos posteriores podem observar esse aspecto de maneira mais sistemática, controlando outras condições envolvidas.

A situação envolvendo um estudante com deficiência evidenciou que a inclusão precisa ser planejada desde a constituição dos grupos até as formas de pesquisa e apresentação. A simples disponibilização da atividade não garante participação efetiva quando não são assegurados os apoios e as condições de colaboração necessárias.

Conclui-se que a Educação Ambiental contextualizada com a fauna urbana pode contribuir para tornar mais perceptível a biodiversidade presente no cotidiano e favorecer uma relação mais informada com as espécies. No caso das aves do Saboó, a aproximação entre conhecimento científico, território e experiência cotidiana mostrou-se um caminho promissor

ISSN 2317-1316

para problematizar a invisibilidade da fauna sem atribuir a uma única atividade efeitos que somente acompanhamento longitudinal poderia demonstrar.

5 AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), edição 2024-2026.

À Secretaria de Educação (SEDUC) da Prefeitura Municipal de Santos, pela parceria estabelecida com as escolas municipais.

À Universidade Santa Cecília (UNISANTA), pelo apoio ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

6 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Durante a elaboração deste trabalho, utilizou-se a ferramenta ChatGPT para apoio à organização textual e à sistematização inicial da literatura. O conteúdo gerado foi revisado, editado e validado pelos autores, que assumem total responsabilidade pelo texto final.

7 REFERÊNCIAS

A Tribuna. Turista é atacado por gavião na cabeça enquanto andava pelo Canal 3, em Santos. Santos: A Tribuna, 24 set. 2025.

Bernarde PS. Animais “não carismáticos” e a Educação Ambiental. South American Journal of Basic Education, Technical and Technological. 2018;5(1).

Brasil. Lei nº 9.795, de 3 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF, 1999.

Fischer ML, Campos AC, Santos-Júnior RJ. A relação entre o homem e o animal silvestre como uma questão de educação ambiental. Ambiente & Educação. 2025;21(1):264-281.

ISSN 2317-1316

iNaturalist. iNaturalist: rede de observação da biodiversidade. [s.l.]: iNaturalist, [s.d.].

Jensen JK, Persson AS, Soga M. Toward a unified understanding of people's aversion to nature: biophobia. Frontiers in Ecology and the Environment. 2026;24(1):e70019.

Marteline LS, Gonzales FT, Frutuoso MFP. Território e fome: um olhar para Santos, São Paulo. Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. Goiânia, 2019.

ONU Brasil. Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 15: Vida terrestre. Brasília: Organização das Nações Unidas Brasil, [s.d.].

Ribeiro M. Gaviões causam polêmica em Santos e deixam observadores de aves preocupados. Diário do Litoral. Santos, 29 jul. 2025.

Santos CAB, Florêncio RR, Silva FS, Santos MAB. Do mau agouro à arte: a coruja no imaginário popular. Revista de Educação do IDEAU. 2015;10(22):1-13.

Sigrist T. Aves do Brasil: uma visão artística. São Paulo: Avis Brasilis, 2006.

WikiAves. WikiAves: a enciclopédia das aves do Brasil.